

Xan Marçall > **Rádio Pirata no meio da mata****Resumo**

Trata-se de uma escrita poética-performativa, com forte característica auto etnográfica, em que é relatada, de maneira documentaria e poética, a vida de uma travesti kaabok da Amazônia. Uma experiência sensível e estetizante da vida a partir de referências imagéticas que fazem parte do imaginário caboclo Amazônico. É um retrato rizomático sobre a Amazônia e suas constantes disputas pela independência material e imaterial.

Palavras-chave: Amazônia. Travesti. Imaginário Caboclo. Performativa. Poética.

> É artista que transita entre diversas linguagens, Atriz, Artivista, trabalha com Arte- Educação. Licenciada em Teatro pela UFBA. Com ênfase em métodos teatrais colaborativos Teatro de Formas Animadas, gênero e sexualidade. É membra fundadora do Coletivo DAS LILITHs, agrupamento artístico de Salvador- Bahia, que vem investigando por meio das narrativas míticas e históricas as ancestralidades LGBTQIA+ no processo de construção identitária no Brasil. Trabalha com crianças e adolescentes na educação formal e informal. Como pesquisadora acadêmica integra o NUCUS- Núcleo de Culturas e sexualidade da UFBA. xanmarcal@gmail.com

ORCID ID: 0000-0002-8075-0148

COMO CITAR:
MARÇALL, X. (2020). RADIO PIRATA NO MEIO DA MATA. REVISTA VAZANTES, 4(1), 144-151. [HTTPS://DOI.ORG/10.36517/vazppgartesufc2020.1.12](https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2020.1.12)

Xan Marçall **Pirate Radio in the Middle of the Forest**

Abstract

It is a poetic-performative writing, with a strong autoethnographic characteristic, in which the life of a Kaabok transvestite from the Amazon is documented and poetic. A sensitive and aesthetic experience of life based on imagery references that are part of the Amazonian caboclo imaginary. It is a rhizomatic portrait of the Amazon and its constant disputes for material and immaterial independence.

Keywords: Amazonia. Travesti. Caboclo Imaginary. Performative. Poetic.

No meio da mata de uma cidade isolada na Amazônia. Uma casa de madeira cercada de árvores e trepadeiras. Há um lugar no Brasil onde o BRAZIL não capturou o brasil.

Acreditem isto não é ficção.

Um pequeno aparelho de radio que funciona a pilhas, tem a antena suspensa para captar alguma boa estação. Esta em cima da cômoda, junto a escovas de cabelo, vasos com aguas de cheiro, velas acesas, batons e pequenas caqueiras de plantas. O sinal não é bom.

A Travesti insiste em sintonizar alguma estação. Há ruídos, musica, propagandas, pessoas se comunicando, cumbia, brega, carimbo, musica americana, comerciais, entrevistas. Uma estação de radio Pirata. A Travesti continua mudando de estação. Mais uma radio pirata na Amazônia. Numa casa em meio a floresta. Ela sintoniza a estação.

Um noticiário:

Todos os integrantes são homossexuais ou travestis. Alguns portadores do vírus HIV. Diniz afirma que há preconceito nas aldeias e até mesmo entre lideranças indígenas.

“O próprio tuxaua já é machista. Ele entende que aquilo não pode acontecer. Entende que o índio do sexo masculino tem que gerar crianças. Principalmente os travestis são postos na rua”

A travesti indígena Simone da Silva Santos, de 28 anos, também deixou Normandia ainda adolescente e foi tentar a vida em Boa Vista. Foi na rede de exploração sexual que encontrou meios para ajudar financeiramente a mãe. No caso do indígena Eduardo Macuxi que, mesmo com o preconceito, não ingressou na prostituição e hoje trabalha em um salão de Boa Vista relata: Porque eu conhecia vários cabeleireiros e eles falavam pra entrar na área. Eu disse que um dia ia tomar a decisão e entrar.

A presidenta da organização Indígena positiva do Estado de Roraima, Nivea Pinho, explica que, além do preconceito existente nas aldeias, há também a dificuldade dos próprios indígenas de pedir e conseguir ajuda quando um dos integrantes da família, por exemplo, esta infectada com o vírus do HIV ou quando é abusado sexualmente: Geralmente as famílias preferem sair da comunidade. O administrador substituto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) de Roraima, Petrônio Barbosa, disse desconhecer o problema vivido por indígenas homossexuais e travestis nas comunidades: A FUNAI não tem nenhum conhecimento de casos como esses. Até agora não chegou nenhum caso.

Aqui é Adriana Vasconcelos, Diretamente da rádio Tajá Nacional- A radio informativa do Norte.

O coração Luminoso da Amazônia. (Jingle)

Com o oferecimento de Copaíbas Oleos essenciais.

Honorato Plataforma Criativa- A encantaria da Floresta. E o Guarany lustrador de móveis. Este foi o informativo das 20, direto da radio tajá nacional 85 mega-hertz sintonizando o norte num só coração.

Radiodifusão pirata é crime.

Uma travesti no meio da mata. Kaboka. A flecha e a flor. Onça pintada olhando atenta. Noite de lua cheia.

Transamazônica aberta no coração da floresta, uma encruzilhada marcada no corpo para provocar o progresso acelerado no Norte do país. Meu sangue convergindo caos e insistência. É preciso modernizar a Amazônia. Esse é o lema de integração e apagamento. Meu corpo é encantaria. Pedaço de rio. E eles insistem em confundir. Uma voz ecoa ilegalmente, na estação.

Eita bagunça vieram aqui e levaram de um tudo.

E ainda me disseram que eu não era índia.

Eita bagunça

E agora eles querem organizar Dividi aqui e põe outros ali

E ainda me disseram que eu não era kaboka

A questão é que vocês nunca conheceram a gente

Eles não querem falar sobre isso

O perigo da cobra não é o veneno.

Bagunça da desgraça

Tudo nesse país vira esgoto

Olha pra ali os prédios e os shopi Center

Toda essa mentira tacanha

Mas eu sei quem eu sou

Filha do meu pai e da minha mãe

O pior ainda esta por vir

Um dia tudo isso vai virar Estados Unidos E ai vocês vão saber

Elas sempre estiveram aqui

Mas vocês ainda não se conhecem

E o problema todo é justamente esse.

Esse lugar é uma bagunça.

Ruídos, agora os barcos margeiam, descarregando paineiros de açai e Historias. Não se sabe se era mulher ou homem ou bicho. A Falta nos Leva ate a rua, a beira do cais.

As mais velhas boca e ouvido. Quando se é travesti, não se pede licença ou autorização. As frequências chegam até aqui.

Importunando ouvidos disciplinados.

E nós sabemos, dizem...é preciso escutar as que Vieram de longe. Hidroelétricas, garimpos uma terra sem lei.

O meu corpo é indomável.

Quando se vive no limite da pobreza só pensamos em uma coisa: comer.

Por isso, por um pouco de dinheiro e comida, fazemos qualquer coisa.

Afasta panema

Tira calundu

Mas a fome é muita. E o que faz? Eu vi os Cabos de energias cruzando a floresta, de uma ponta a outra da Cabeceira do rio.

Às vezes me bate o medo.

O medo de morar dentro do mato. O medo de viver.

Mas ai eu corro pro rio e tudo fica calmo de novo.

O Sol na cara.

As nuvens passando baixo. A gente aqui.

Mas a fome é muita e o dinheiro é bom.

Comida farta na mesa.

E é assim na falta do dinheiro, é um agrado.

Uma marmitta pra passar a dor da fome.

Vida tacanha essa.

Disseram que ela tava saindo do banheiro depois do atendimento, tinha ido se lavar.

Chegaram aqui com a mesma promessa.

Dinheiro.

Quem tem fome não espera. Ratearam tudo pra cá. Farinha.

Carne a gente só come quando mata um bicho, ou quando ia pro rio pescar.

Mas ai a gente soube dessa noticia que essa empresa clandestina tinha se instalado

Aqui, que tava intoxicando o rio com mercúrio.....Na verdade estava

Metida com grandes corporações de cosméticos.

A historia vocês já Sabem isso aqui é o fim do mundo.

Eles fazem o que querem.

Tem peixe

Que nem vive mais.

E tem muita gente doente.

Antes nem farmácia por Aqui existia.

A gente sempre tinha um pouquinho disso e daquilo pra trocar, pra dar.

Não se faz nada sem dinheiro aqui, agora.

Derrubaram tudo pra lá pra

Dentro, onde os bichos viviam.

E ainda tão derrubando...

A gente Entrava no mato e pegava as plantas, os bichos.
 E ai vocês viram
 Aquele pasto, antes de chegarem aqui?
 Então a gente só escutou os pipocos.
 Uma semana depois mandaram um Recado pra gente:

Boca grande come terra.

Depois ouvimos burburio que Era pra acertar o cara e não ela. Mas a gente sabe que ela sabia das coisas. E o cara, nunca encontraram.

Ai credo não precisa ser tão cruel.

Ela tava no chão.
 Com o rosto ensanguentado.
 Foi certo.
 Pelo menos Morreu depois do prazer.
 Acontece que as coisas que se passam aqui Ninguém fica sabendo.

Esse Brasil é muito grande.
 E é nesse pedaço de Miséria que a gente vive.
 Aqui é morte todo dia. Mas ninguém sabe, Ninguém vê.
 Esse lugar é o cú do mundo.
 Na verdade ela não tinha nada A ver com isso.
 Conheceu gente errada no momento errado.

Puro Azar. Coisas comuns aqui nos trópicos.

Se envolveu com as pessoas que tinham as informações.
 Escutava tudo. De todos os lados com quem se deitava.
 Aí já sabe o final. A gente Correu rápido pro mato pra se esconder...
 Fugiram e o corpo dela aqui morto.
 Um nada no meio da floresta.
 Mas eu Me lembro muito bem do que ela falava:
 Tão poluindo o rio Propositadamente para instalarem aqui futuramente usinas.

Tem gente se Apropriando de terra ilegalmente. Matando gente que não facilita ou Sabe muito sobre a vida deles. Investimentos internacionais. Gente grande envolvida.

Infelizmente não Tivemos a sorte de não estar aqui.
 Porque sempre será por essas Paragens que eles vão fazer as suas imundícies.
 E no final ninguém Nessa porra de país vai saber.
 Porque ninguém nos escuta.

Ninguém sabe Da nossa existência.
 Não sabem sequer que se morre muita gente de Diversas maneiras nesta parte do mundo.

Esse paraíso onde tudo é permitido.

Aquele dia ela estava tão bonita. Irradiante. Será que ela sabia do Feixe de luz que se apagava lentamente?

Uma estrela brilha atrás das nuvens de chuva.

Eletromagnetismo.

Transamazônica.

Metade gente, metade encantaria.

O rio passeia no céu.

Raízes e folhas.

Um banho de cheiro, com todas as ervas.

Há cores e tantos nomes. O cheiro anuncia.

Transamazônica apontando.

Terra e água.

Parece que vai chover. Ela chega no tempo dela.

As folhas ficam tão bonitas daqui.

Eu nunca vi um verde assim em lugar Nenhum. Também pudera aqui chove sempre. A gente vê as nuvens cinza no céu. Parece que vai desabar. É muita água. Muita água.

Eu não gosto desse mundaréu de água. Me bate sempre uma tristeza. Eu gosto é do sol. Chapando a cabeça. Queimando a pele.

Botar os peitos e a bunda pra fora. Tu podes ir presa, se alguém te ver assim. Pra essas bandas daqui, mesmo não.

Ficar assim que é bom. Deixar bronzear o corpo.

A escama pede. Essa chuva tinha que ir embora.

Fica tudo encharcado.

Tudo lameado.

Eu acho lindo o corpo exposto, sem maldade.

Devia ser bonito né?

Um calor insuportável desse e as pessoas engomadas até o pescoço.

Da até insolação.

Uma quentura e o povo em baixo de pano quente.

Viva a Canga! Viva a Tanga! A Xita!

Eu olho pro céu e vejo a chuva repentina, as pessoas correndo pra debaixo das marquises, com medo de água.

A gente se esqueceu de cantar pra chuva.

E eu acho bonita a chuva molhando as roupas e os papeis dentro da bolsa.

os Cabelos e as pessoas com raiva da água.

Eu gosto quando ela chega de surpresa e todo mundo fica assim, úmido e gotejando. a pele fica brilhando, de felicidade. Eu gosto da chuva!

Das trovoadas! Dos relâmpagos!

Parece que o mundo vai acabar. E aí o céu se desmancha e se transforma em água líquida de novo.

Chegar em casa, trocar a roupa.
Aquele sensação fria no corpo.
A Água dos céus.
Elas vieram da onde?
Do Rio, das águas de baixo da terra.
Ela lembra exatamente de onde as coisas vieram
e pra onde vão.

Ela sempre retorna

E a chuva durando quatro dias sem parar.
A gente mofina dentro de casa.
Dias bom de se pensar.
Contar historia.
Conta aquela pra gente.
A do sol e da lua.
A noite apaga com ruídos.
Uma estação poluindo o espectro

Radio eletrônico.
A insurreição esta no Norte do País.
Transamazônica.

Uma travesti com o tessado e o chapéu de palha na mão.

Há perigo em tudo isso.

Agora apenas o barulho do rio e da mata engolido, tudo que
existe. Ela dorme. As estrelas vigiam no meio da mata.

Não há licenças, nem autorização.
Radio pirata no meio da mata.
O barcos desbravam a noite.

Amanhã é outro dia.